

A Bahia é singular e plural

por Josias Pires*

Fotos: Maurício Requião (IRDEB)



O Bumba-meu-boi, a burrinha e o jaraguá, desfilando na zona rural de Araci

As pequenas ilhas (...) fascinam-me

mente, que passar pelo conhecimento da

estréia da série de programas de 30 minu-

tos que vai ao ar no dia 11 de setem-



O Bumba-meu-boi, a burrinha e o jaraguá, desfilando na zona rural de Araci

As pequenas ilhas (...) fascinam-me porque permitem examinar melhor o homem entregue a si próprio, fechado sobre si mesmo e, simultaneamente, disperso no infinito." Esta epígrafe do livro *Pequenos Mundos* (1986), do professor Nélson de Araújo, é um providencial alerta à tendência contemporânea de "rompimentos de fronteiras" que se impõe como uma ameaça extermidora das diferenças culturais. Ao traçar um amplo panorama da cultura popular tradicional da Bahia, Nélson de Araújo acaba por nos oferecer trilhas seguras para que possamos caminhar no nevoeiro da globalização sem perder o contato com as nossas referências étnicas.

Sim, na Bahia temos uma matriz cultural formada pelas contribuições européias e de diferentes etnias africanas e ameríndias – temos um sangue multiculturalista e veias abertas para a atualização. Mas alto lá: devagar com o andor que o santo é de barro. Uma atualização frutífera da nossa cultura tem, necessaria-

mente, que passar pelo conhecimento da tradição. E é logo aí, nesta premissa básica, que a coisa emperra. A cultura popular tradicional da Bahia tem se tornado uma ilustre desconhecida das novas gerações, está fora do horizonte de interesse das mídias e sobrevive heroicamente graças aos esforços sem medida dos seus próprios produtores.

Neste cenário de terra arrasada, começou a cair uma água providencial: desde 1995, por iniciativa do jornalista Paolo Marconi, diretor-geral do Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia (Irdeb), a TV Educativa da Bahia está captando imagens e histórias da cultura popular no interior do estado, realizando uma aventura inédita da televisão brasileira, chamada de *Bahia Singular e Plural*.

Os primeiros resultados: foram gravadas 160 manifestações, que redundaram em 60 interprogramas de 50 segundos, veiculados durante a programação diária da TVE. E neste mês de agosto ocorreu a

estréia da série de programas de 30 minutos, com a exibição de "As Burrinhas da Bahia", que mostra as peripécias deste folgado em nove municípios do estado. Há também uma versão fonográfica, coordenada pelo etnomusicólogo Fred Dantas, que será reunida numa coleção de seis CDs, dos quais dois estão prontos e foram lançados junto com o programa televisivo. O Bahia Singular e Plural está provando que a cultura popular tradicional da Bahia continua viva, forte e de rara beleza.

A importância desta experiência é inestimável. Além de conectar um público mais amplo às manifestações da cultura popular tradicional, há outro aspecto: é a constituição de um patrimônio visual que só uma televisão pública teria fôlego para fazer e cujo interesse para o estudo e a pesquisa irá crescer ao longo do tempo. Diante deste patrimônio é preciso ter em mente algumas questões básicas: as manifestações da cultura popular contêm um conhecimento, uma sabedoria, são portadoras de elementos contemporâneos mas

que nos interligam com a história de uma determinada civilização.

E mais: este patrimônio etnovisual é capaz de revelar as ações e experiências das comunidades de onde elas emergem. O teatro, a dança, a poesia, a música feitas pela gente da roça e das pequenas cidades são peças de coesão social, de entretenimento e de afirmação de valores (éticos e estéticos) capazes de pôr em questão a mesmice urbanóide da mídia.

Este olhar da televisão dirigido a uma cultura popular presta-se a um sem número de reflexões. Afinal, contaminada pelo interesse de vender mercadorias, a TV comercial despeja incessantemente sobre o público aquilo que se convencionou chamar de "cultura de massa", constituída de produtos descartáveis, cuja obsolescência é programada para que novas mercadorias sejam oferecidas ao consumidor, alimentando continuamente o apetite voraz do mercado. Simultaneamente essa "cultura de massa" exibe uma estética, na maioria das vezes, de indiscutível mau gosto.

Apesar de deslocada da cena televisiva pela cultura de massa, a cultura popular tem tudo para dar a volta por cima. Ela é dinâmica, passa por permanentes atualizações, é capaz de surpreender o telespectador pela beleza, pela força criativa e pelos significados que mantém das nossas referências étnicas. Neste diálogo entre modernos meios de comunicação e as formas tradicionais de cultura ganhamos todos: os chamados "portadores do folclore" sentem-se dignificados, portanto estimulados para manter a tradição; o público recebe uma produção por tudo meritória; a televisão cumpre uma função social, ética e estética indispensáveis.

*A alegria e
a dignidade nos
rostos das sertanejas,
durante um Reis
do Alagadiço,
em Boninal*



Este boi dá!

por Josias Pires*

São 19:30h. É uma sexta-feira de setembro em Araci, uma pequena cidade do sertão baiano. Estou num casebre de uma família de lavradores, que são artistas populares, cantadores de Reis. A TV está ligada na minúscula sala de chão batido. A assistência inclui o chefe da

casa, Antônio Maurício da Silva, 65 anos, sua mulher, Boló e três filhas, uma delas com um bebê no colo. Estão todos plugados na tela preta e branca, envolvidos pelas imagens do mundo classe média carioca que a vênus platinada oferece ao Brasil.

Definitivamente, aquelas garotas bozinhas e aqueles rapazes moderninhos da TV não têm nada a ver com os olhos cansados do casal de moradores daquele casebre, com aquela magreza amarelada, o ar entediado, desconfiado daquela família que, apesar de todas as dificuldades da vida, guarda uma pequena parte do patrimônio cultural brasileiro.

neiro, e gravar a festa para a TV Educativa da Bahia, que está realizando uma série de programas sobre manifestações da cultura popular, a série "Bahia Singular e Plural".

Os cantadores não demonstraram nenhum entusiasmo com a idéia. Precisei de algum tempo para ver despertar neles algum interesse no que eu propunha. Na cidade funcionam outros dois grupos de Reis de Boi, que já haviam concordado em par-

Este boi dá!

por Josias Pires*

São 19:30h. É uma sexta-feira de setembro em Araci, uma pequena cidade do sertão baiano. Estou num casebre de uma família de lavradores, que são artistas populares, cantadores de Reis. A TV está ligada na minúscula sala de chão batido. A assistência inclui o chefe da

casa, Antônio Maurício da Silva, 65 anos, sua mulher, Boló e três filhas, uma delas com um bebê no colo. Estão todos plugados na tela preta e branca, envolvidos pelas imagens do mundo classe média carioca que a vênus platinada oferece ao Brasil.

Definitivamente, aquelas garotas boitinhas e aqueles rapazes moderninhos da TV não têm nada a ver com os olhos cansados do casal de moradores daquele casebre, com aquela magreza amarelada, o ar entediado, desconfiado daquela família que, apesar de todas as dificuldades da vida, guarda uma pequena parte do patrimônio cultural brasileiro.

Boló estava doente, febril e muito triste porque o dinheiro que tinha não dava para fazer o caruru de São Cosme e São Damião - cujas imagens, iluminadas por algumas velas, ocupavam um pequeno altar de um dos quartinhos da casa. Aquela família jamais poderia sonhar que a sua arte deveria também ser vista na televisão.

Eu convidei a família para fazer uma apresentação do Reis de Boi-bumbá, que eles costumam organizar todos os anos no dia 6 de ja-

neiro, e gravar a festa para a TV Educativa da Bahia, que está realizando uma série de programas sobre manifestações da cultura popular, a série "Bahia Singular e Plural".

Os cantadores não demonstraram nenhum entusiasmo com a idéia. Precisei de algum tempo para ver despertar neles algum interesse no que eu propunha. Na cidade funcionam outros dois grupos de Reis de Boi, que já haviam concordado em participar da gravação. Por fim, consegui convencê-los.

Dias antes da apresentação, Boló começou a preparar o Boi com papel brilhante, lantejoulas, espelhinhos, fitas coloridas; arrumou os chapéus as roupas das meninas; mandou avisar à turma a data da apresentação. A febre cedeu um pouco e o cansaço deixou ela fazer tudo devagar.

No dia da festa, o milagre operou-se. Daquele pobre casebre sertanejo saiu, imponente, o Boi de Boló - um boi preto, marruá, valente e brincalhão. Antônio puxava as cantorias, batia no pandeiro e Boló comandava o côro das mulheres. O Boi sambou, arrastou gente e espalhou alegria. Registramos tudo.

No dia seguinte voltei à casa de Boló. Não vi aquela mulher abatida, olhos fundos, fala arrastada, desconfiada. Encontrei Boló sorrindo, empertigada, afável. Feliz. O Boi descansava no quartinho junto de São Cosme e São Damião.

*Josias Pires é jornalista, atuando atualmente como pesquisador de cultura popular na TVE



A burrinha faz a festa na zona rural de Irará